

TRADIÇÃO E MODERNIDADE EM RAMÓN GÓMEZ DE LA SERNA: O ABSURDO DOS OBJETOS EM *RAMONISMO* (1923)

Elen Fernandes dos Santos

Dentro do contexto de explosão cultural das vanguardas de inícios do século XX, tem destaque a obra do escritor espanhol Ramón Gómez de la Serna (1888-1963) como um dos representantes da modernidade espanhola. O escritor teve papel fundamental como instrumento para a entrada das vanguardas no país, bem como para sua expansão, tendo em mente uma vasta produção que se estende em textos de teatro, ensaios, novelas, biografias e autobiografias. Sob tal ótica, a reflexão aqui levantada busca sinalizar o caráter original da obra do escritor que, reinventando toda uma forte tradição barroca espanhola, assiste criticamente às transformações da sociedade de começos do século XX. Desta sorte, o resgate feito pelo autor de temas como o *ingenio* e o *conceptismo*, fundamentais para a compreensão do cenário literário na Espanha desde o século XVII, atua como plataforma que nos conduz a pensar como a tradição é acionada com propósitos de renovação e modernidade na cultura espanhola.



Foto de Ramón Gómez de la Serna (1915), por Diego Rivera

Ramón Gómez de la Serna se insere em uma geração de artistas e escritores que primava pela ruptura e pela liberdade absoluta do artista. Característica dos movimentos de vanguarda, esta ruptura deve ser lida em Gómez de la Serna não como reclusão artística, mas em sua relação com as profundas transformações sociais e políticas de inícios de século. Nesta medida, a arte surge como espaço de reflexão e o escritor se assume como porta-voz das contradições de seu tempo. A nova concepção de mundo vinculada ao autor é revelada em textos que refletem um olhar crítico, ainda que

despretensioso, frente a uma época marcada pela euforia vinda com o progresso e com os avanços tecnológicos. Assumindo uma desilusão diante das inúmeras contradições de uma sociedade moderna que se consolida, são muitos os escritores que defendem a autonomia da arte, ao visar à criação de um mundo poético com uma linguagem poética própria. No entanto, este estudo entende que o mundo poético que se alça nas obras de Gómez de la Serna não se abstém das mudanças pulsantes advindas com a modernidade.



La tertulia del Café del Pombo, de José Gutiérrez Solana (1920)

Pode-se afirmar que esta nova sensibilidade artística que aflora ao início do século XX, em consonância com as correntes vanguardistas europeias ou *-ismos*, tem Ramón Gómez de la Serna como um de seus grandes precursores, ainda que não se possa classificar o escritor em categorias estanques ou em um *-ismo* específico. Sob a base do exposto, este trabalho entende que, em contraposição a uma geração anterior, em Gómez de la Serna o centro deixa de ser o “eu poético” e passa a ser o que é exterior ao “eu”, tendo em vista que, voltando-se às mudanças de seu tempo, o escritor encontra sua inspiração naquilo que o rodeia. Os objetos, nesta medida, ganham destaque na obra ramoniana, fruto de um olhar atento que se lança às transformações desta modernidade que se ergue e que ecoa na obra do escritor.

1. A apropriação da tradição na construção de uma poética moderna por Gómez de la Serna

A maioria dos estudos existentes sobre Gómez de la Serna esteve dedicada a investigar seu papel na renovação poética das duas primeiras décadas do século XX. Uma considerável bibliografia ressalta o seu papel decisivo no contexto das vanguardas históricas, não somente por ter sido uma figura precursora mas também por ter atuado sempre como ponte entre movimentos e artistas latino-americanos, espanhóis, franceses e europeus de um modo geral. Ainda que o estudo de suas propostas e de sua intensa atividade cultural desenvolvida desde a primeira década do século esclareça aspectos relevantes das vanguardas hispânicas, julgamos também pertinente situar a Gómez de la Serna na tradição cultural na qual se insere o artista mais além do estrito período das vanguardas.



Um dos gabinetes de estudo de Gómez de la Serna, batizado pelo escritor de Torreón de Velázquez

De fato, a leitura dos signos da modernidade por Gómez de la Serna esteve profundamente determinada pelas reflexões sobre a linguagem que nos remontam à Espanha dos séculos XVI e XVII, durante o Renascimento e o Barroco, quando se produz o maior esplendor da arte espanhola no marco do apogeu e decadência de um Império. O trabalho apurado com a metáfora na literatura de Gómez de la Serna insere o escritor numa tradição do pensamento sobre a imagem que se desenvolve ao longo da tradição hispânica e que não se esgota tampouco com o esgotamento das vanguardas nos anos trinta. Nos anos vinte, o Barroco, e sobretudo Luis de Góngora, o mais hermético dos poetas do século XVII, é revisitado pelos novos artistas. A autonomia da arte e a criação de um universo poético com uma linguagem própria eram a aspiração dos poetas das vanguardas e, neste marco de apropriações da tradição, também figuram como anseio denosso escritor.

De fato, a reflexão de imagem poética que tratamos em Gómez de la Serna diz respeito às discussões com respeito ao manuseio da metáfora pelo autor. No Barroco espanhol a noção de “conceptismo” e também de “ingenio” visava trabalhar com tudo aquilo que a metáfora pode oferecer ao escritor enquanto instrumento de expressão artística. Nesta medida, as construções literárias deveriam ser refletidas e lapidadas para que o autor e também o leitor pudessem alcançar maior profundidade em sua relação com a arte. De fato, é esta necessidade de refletir sobre a própria linguagem que insere os escritores da Vanguarda na tradição do Barroco espanhol. Tomamos o caso de Gómez de la Serna na tentativa de compreender o sentido da imagem no escritor e ao mesmo tempo os referentes destas imagens: o mundo moderno, o mundo dos objetos.

Inserido neste contexto, Ramón Gómez de la Serna atualiza os chamados “Siglos de Oro” através da presença marcante de metáforas que eternizam movimentos estéticos específicos da idade clássica espanhola. As “Greguerías”, gênero criado pelo próprio autor, vão muito além do resultado da união de metáfora mais humorismo, como já definidas por Gómez de la Serna. São antes a atualização de conceitos que enredaram toda uma época, como o “conceptismo” que se revela no autor em seu manuseio engenhoso da palavra e na busca de sua intensidade semântica. Em *Ramonismo* (1923), vemos que para um mundo moderno fragmentado, regido por valores voláteis, o autor nos traz uma linguagem também fragmentada, quase codificada. A tradição do

"ingenio" espanhol é resgatada, pondo em xeque o entendimento realista de uma representação da realidade possível. A independência das partes como concepção própria da era moderna se estende também ao texto literário, agora feito de fragmentos que se mostram mais em tom com esta nova dinâmica da sociedade.

O estudioso José Antonio Marina (1992) define o "ingenio" como uma espécie de jogo, como "el sueño de una inteligencia que sueña con la libertad, que desea vivir desligada, sin unción, sin respeto, sin coacciones, sin miedo, dedicada a jugar." (MARINA, 1992, p.24). Gómez de la Serna é definido pelo autor como um grande "ingenioso", tendo em vista o caráter infinito de sua escritura, sua imaginação fecunda e sua inesgotável sede de comparação. Ao "ingenioso" nunca lhe falta o que dizer, pois "el jugador se percibe como sujeto activo, ejerciendo con exaltación su libertad y poderío, a salvo del mundo, que se le presenta enfurruñado bajo la severa figura de la seriedad, el orden de los fines, el interés y las consecuencias." (MARINA, 1992, p.40)

Si alguna palabra me faltase, el acoplamiento, la fusión o la colocación de las que poseo daría la idea de esa palabra. ¡Que yo halle la idea, que las palabras tendrán que surgir, y hasta es posible que nazcan por primera vez para mí solo!

Adiestrado por esta práctica adivinadora y temeraria, pero de opimos resultados, estoy más dispuesto que a la discusión a lanzar grandes modelos de corrupciones puras que evidencien mejor las cosas. (GÓMEZ DE LA SERNA, 1923, p.201).

Inserido neste contexto de diálogo com a tradição, entende-se que Gómez de la Serna nos oferece imagens surgidas do choque entre a realidade moderna e sua própria percepção, instrumento para a renovação da ideia de imagem poética que, como já exposto, remonta a toda uma tradição estética literária espanhola.

2. *Ramonismo* e o absurdo dos objetos

Ramonismo (1923) é uma obra que, de fato, já apresenta este viés inovador de Gómez de la Serna em sua estrutura, haja vista que se constrói como um compilado de inúmeros relatos breves centrados na descrição, uma espécie de amostras de narrativas levantadas pelo autor em revistas da época e que já figuravam como indício da experimentação narrativa vivenciada anos depois pelas gerações de escritores que precederam o escritor. Organizados com títulos e ilustrados com inúmeros desenhos feitos pelo próprio autor, os relatos, pequenos em extensão mas grandes em significação, se revelam como janela que possibilita ao leitor conhecer o mundo de uma forma outra, através da mirada de "Ramón".



Desenho feito por Gómez de la Serna como ilustração de seus relatos
(Em *Estrellas*, relato inserido em *Ramonismo*, 1923)



(Em *Lo que llevamos en la cabeza*, *Ramonismo*, 1923)

Gómez de la Serna introduz *Ramonismo* com o que chama de "Advertencia Preliminar", momento em que alerta o leitor e lhe pede cautela na leitura. É nesta observação inicial que o próprio autor nos explica a função dos desenhos feitos por ele como forma de ilustrar e "alegrar" sua obra:

Con la pluma del escritor están hechos esos dibujos, de los que me siento orgulloso por lo malos que son, pues solo así no repugna a mi temperamento el amaneramiento del dibujo. Intentan hacer más expresivo y alegre lo que va escrito, y en ninguno está afondada la monotonía abrumadora de la insistencia. Todos salieron de una vez, recogiendo el grafito de cada cosa. (GÓMEZ DE LA SERNA, 1923, p.5)

Vale observar que o caráter transgressor de *Ramonismo* também perpassa pelo próprio título dado à obra. Como dar conta de uma estética que observa a realidade desde um ponto de vista não habitual? Os *-ismos* já existentes poderiam satisfazer o autor que quer romper com aqueles que já buscam romper? É esta insatisfação e sede de inovação que explicam a criação de um estilo próprio pelo autor, verdadeiro índice de sua independência frente às demais correntes. De fato, *Ramonismo* não se trata de uma obra mais, mas da criação de um novo e exclusivo *-ismo* artístico:

Este libro muestra mi espíritu con resueltas plumadas. He intentado en él dar fuerte expresión a las cosas para oponer mi *ismo* a todos los *ismos*. (GÓMEZ DE LA SERNA, 1923, p.5)

Ainda que em consonância com as correntes vanguardistas no que tange à preocupação por uma linguagem rebuscada e cheia de metáforas cuidadosamente construídas, é interessante notar que a intenção do autor de *Ramonismo* é também a detentar facilitar a leitura de seu leitor, seja através de narrativas curtas, seja através de suas ilustrações:

Yo necesito la sencilla amistad de ciertos lectores y por eso les preparo el libro fácil, variado, original, y siempre les regalo en cada libro, como los caramelos que añade el tendero al pedido, unas nuevas 'Greguerías', completamente nuevas. (GÓMEZ DE LA SERNA, 1923, p.5)

Presentear o leitor com suas tão estimadas "Greguerías", tal como um vendedor, (imagem simbólica de uma época) é um sinal de doação e amizade do escritor para com seus leitores. Jesús Martín-Barbero (2008) nos explica que "a nova sociedade só é pensável a partir da compreensão da nova revolução, a *da sociedade de consumo...*" (MARTÍN-BARBERO, 2008, p.66). De fato, Gómez de la Serna antecipa algumas destas discussões quando se propõe justamente a pensar esta nova revolução das massas em princípios de século XX. Novos espaços e novos personagens estreantes no cenário moderno ganham lugar na obra do autor, como se, em alguma medida, sua arte buscasse adequar-se a uma nova realidade, a uma nova maneira de ver da sociedade, o que Jesús Martín-Barbero chama de "uma nova percepção".

Martín-Barbero explica que a dinâmica de homogeneização das massas é um fenômeno que se desenvolve desde o século XIX, mas que tem seu apogeu verdadeiro nas primeiras décadas do século XX. Em Gómez de la Serna, o espaço público, aberto à cotidianidade, bem como os personagens que integram estes cenários, são apresentados pelo olhar de quem analisa e se surpreende com o que vê. Por meio de um passeio pela cidade, a realidade moderna é lida através de um distanciamento, como se verifica, a título de exemplo, na descrição das inúmeras casas que permeiam *Ramonismo*. A bem dizer, "La casa de las medias", "La casa de los sandios", ou "La casa de los toldos" nada mais são do que a apresentação do ambiente burguês desde uma perspectiva externa, percepções de um Ramón que caminha e contempla as alterações no cenário que o cerca.

Refletindo a relação da sociedade com os objetos de consumo ao longo dos séculos, Adrian Forty (2007) explica que a propaganda intensiva foi o caminho encontrado para convencer ao público do que era ou não adequado ao lar, transformado a partir do século XIX em uma espécie de "palácio de ilusões" (FORTY, 2007, p.140). As metáforas de Ramón nos confirmam o postulado por Forty, quando o autor afirma que a liberdade do lar é ilusória frente à imposição das leis do mercado. Em "Adornos de portal", Gómez de la Serna, em sua leitura da cidade, ironiza os valores de sua época ao ressaltar a inutilidade dos objetos seriados que lhe eram representativos:

Los portales, que admiten todos los adornos posibles, tienen solo tres o cuatro adornos típicos, tres o cuatro parejas de figuras, que se repiten en ellos a través de toda la ciudad... - ¡Es casa de portal con leones! – se dice en los gabinetes de la clase media, para señalar esas casas magníficas. (GÓMEZ DE LA SERNA, 1923, p.77)

Forty, ao elucidar a trajetória do *design*, também explica que os artigos de comércio sempre serviram “para criar riqueza e satisfazer o desejo dos consumidores de expressar seu sentimento de individualidade” (FORTY, 2007, p.22), preocupação de uma sociedade burguesa também trazida à tona por Gómez de la Serna:

“Con la renta del piso más – ha dicho el propietario a su familia - tendremos automóvil... Sólo con lo que renten esos cuatro nuevos cuartos tendremos para mantener nuestras excursiones, por largas que sean... Los grifos de sus fuentes serán grifos de gasolina para nosotros.”

En efecto, con cuidado, hablando a unos, agasajando a otros, doblegando a los de más allá, los albañiles han añadido el piso más. Se ha hecho con cierto sigilo, deseando acabar para que comenzase a ser un hecho la casa de cinco pisos. (GÓMEZ DE LA SERNA, 1923, p.122).

De fato, em *Ramonismo*, os espaços públicos, bem como seus personagens, são apresentados pelo olhar do observador, pois é por meio de um passeio pela cidade que a realidade moderna é esmiuçada. Em sua análise do cenário aberto à cotidianidade, tem destaque aqui a leitura de “Los solares”, quando o escritor coloca que

Los solares están hartos de ser solares [...] Al momento van a acabar de estar inactivos todos los solares; les ha llegado su hora y ya no serán esos cementerios de gatos y perros [...] Ya les va durar poco su desesperación a los solares, aunque eso signifique que a nosotros nos va a durar también poco esos respiraderos tan admirables para ver la luna mejor y para estudiar a satisfacción las diferentes cartas del cielo. (GÓMEZ DE LA SERNA, 1923, p.72)

Aqui fica claro como o autor analisa as mudanças de inícios de século no que respeita ao intenso processo de massificação da cidade e ao acelerado processo de urbanização, transformações no corpo da cidade que nos são apresentadas de forma “ingeniosa” a partir da imagem dos terrenos que se extinguem.

Tem destaque também a imagem que Gómez de la Serna ergue de “Dos postales luminosas”, quando o autor levanta suas percepções sobre este novo objeto cada vez mais presente no espaço público:

En las noches de Madrid han surgido numerosos faroles anuncios, que son como las mangas parroquiales del anuncio. Parece que nos hacen sombras en vez de darnos luz, y que son un estorbo para la vista, algo que nos perturba la perspectiva y que no nos deja tener la visión natural de la noche. Son algo monstruoso, hijo de ciertas imaginaciones torpes, de operarios más que de artistas. (GÓMEZ DE LA SERNA, 1923, p.238)

Como se nota no fragmento acima, em um primeiro momento o leitor se depara com uma crítica: o objeto moderno como aquele que incomoda, um estorvo para a vista que não deve ser considerado arte. Na sequência do texto, observa o autor:

No tienen que ver nada con nuestras concepciones, con nuestros modelos de arte; pero hacen su papel en la vida y, de pronto, caracterizan, mejor que la caracterizaría nada, una calle o una esquina. Primero nos irritaron un poco; pero después vimos que no podían perjudicar nada a la evolución del arte. Eran cosas al margen, típicas, graciosas; los ideales, las mujeres soñadas de un cualquiera. Quizás hay en el alma de muchos ese microbio de belleza.

Estampas de almanaque sin fechas, van haciendo que nos acostumbremos a ellas, y por fin un día, cuando a lo mejor las apagan, parece que han cometido un desacato, que suprimido algo que debía consagrarse "monumento" o "señal" nacional. (GÓMEZ DE LA SERNA, 1923, p.239)

É como se o autor se rendesse de alguma forma a grandeza do objeto moderno, dotado de uma força poderosa e sedutora diante da qual pouco se pode fazer.



Gómez de Serna e sua popular boneca de cera de tamanho humano.

No que diz respeito à formação da noção de massa na modernidade, Jesús Martín-Barbero concebe-a como o “esfumaçamento das pistas de cada um na multidão da grande cidade”. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p.85). O autor nos explica que com a crescente industrialização e a expansão das cidades, as pistas e os sinais de identidade se obscurecem, dando lugar a uma massa disforme e sem traços distintivos em seu interior. É também em *Ramonismo* que Gómez de la Serna questiona esta sensação de anonimato consequente da modernidade:

Hay momentos en que se es un etcétera. Todos habréis sido alguna vez etcéteras. ¿Quién no ha pasado por ese trance de anonimato y mezclanza? [...]

Todos los que hemos sido incluídos alguna vez en un etcétera común parece que hemos quedado hechos parientes en quinto o sexto grado, pero parientes al fin. Todos nos llamamos lo mismo de décimo apellido: Etcéteras; y algunos hay, los recalcitrantes, los que durante toda la vida son incluídos en el *etcétera* y van perdiendo sus apellidos hasta no ser más que *Etcéteras* de primero y único apellido, acabando la vida en una especie de incluserismo vergonzante. (GÓMEZ DE LA SERNA, 1923, p.18).

Gómez de la Serna também traz a luz a imagem de uma sociedade de valores voláteis, transitórios. O olhar do observador é aquele que atua como instrumento para a descaracterização de uma sociedade burguesa que quer manter valores antiquados que não mais se encaixam nesta nova dinâmica que se inicia. Desta sorte, a imagem da casa surge como uma espécie de vitrine que possibilita ao observador a leitura do absurdos objetos nela contidos:

Desde pequeños vemos en ese escaparate de botica, y en ese otro, y en ese otro, unas solitarias y unas tenias conservadas como se conserva el búcaro con un ramo de flores de papel y talco de oro en el fanal alargado que hay sobre las consolas o las cómodas.(GÓMEZDE LA SERNA, 1923, p.56).

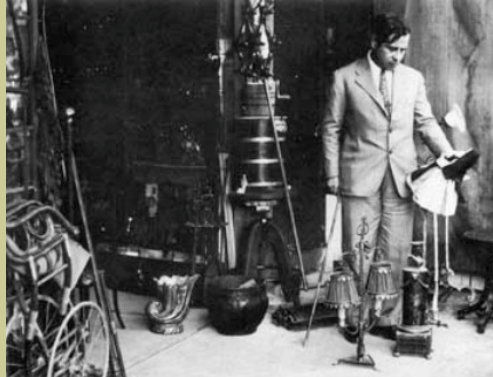
Em *Ramonismo*, também são muitos os objetos que são ressaltados no que respeita o seu desajuste nesta nova realidade: “...tengo que hablar de los troles porque en la actualidad pasan por una crisis manifiesta... Parece que han llegado al momento en que ya se es inservible en la vida.” (GÓMEZ DE LA SERNA, 1923, p.64).Na esteira destas coleções de objetos sem relevância neste panorama moderno, os valores burgueses também são colocados à prova por Gómez de la Serna por meio da ironia feita à imagem deslocada do colecionador e a seus objetos vãos:

Ante los percheros sucesivos del coleccionista de bastones se queda el visitante turulato y teme a ese hombre inofensivo que

parece que puede dar una paliza valiéndose de todos sus bastones a la vez. [...]

El coleccionista tiene la casa llena de palos, y en los pasillos se amontonan los percheros. Parece que una multitud de amigos de todas las castas se congrega en las habitaciones interiores, y han dejado sus bastones en los estantes. "Muchos comandantes retirados debe de haber", se piensa. [...]

¡Pobres coleccionistas de bastones! (GÓMEZ DE LA SERNA, 1923, p.89-91)



Gómez de la Serna em *El Rastro*, de Madrid

O escritor que se mostra perplexo diante das mudanças espaciais provindas do advento da modernidade é o mesmo que repreende os valores pertencentes a outras épocas e que se mostram destoantes desta nova realidade. Muitos são os índices da leitura que faz o autor de costumes perdidos com o transcorrer do tempo. A título de exemplo, este olhar crítico para a fugacidade do tempo e para antigos costumes se mostra quando o autor discorre, com humor, sobre a extinção das bigodeiras:

La bigotera ha muerto definitivamente, y por eso le dedico esta necrología, y la archivo porque es bueno que el futuro sepa las cosas absurdas que el hombre usó en su vida privada.

El Kaiser, que era el último aficionado a la bigotera y que tenía una terrible bigotera de hierro para dar aquella espantosa tiesura a sus bigotes, ya no la usa, pues sus bigotes cedieron su imperio. (GÓMEZ DE LA SERNA, 1923, p.135).



Outra sala de estudos de Gómez de la Serna, en Villanueva

3. Considerações finais

A leitura dos objetos feita por Gómez de la Serna nos conduz à reflexão de como o olhar observador do autor aciona toda uma tradição ao pensar criticamente seu tempo.

O absurdo dos objetos é trazido à tona por um “Ramón” que se admira diante das inúmeras transformações de uma incipiente sociedade de consumo que se moderniza a passos largos. A metáfora “engenhosa”, carregada de humor e ironia, atua como instrumento de diálogo com uma realidade de aspectos inusitados, imprevistos e que se recriam a cada instante. Distanciamento crítico e admiração diante do novo caracterizam essa mirada curiosa e atenta às transformações de início de século.

Na criação de sua matéria artística, Gómez de la Serna é aquele que se vale de toda uma forte tradição literária espanhola ao deixar florescer seu ímpeto vanguardista tão inovador e transgressor. Suas metáforas se apresentam como a atualização de conceitos que enredaram toda uma época, como o “conceptismo” que se revela no autor em seu manuseio engenhoso da palavra e na busca por sua intensidade semântica. Um dos mais importantes artistas de língua espanhola do século XX, Gómez de la Serna se destaca não só pela originalidade que o coloca em posição de destaque no cenário literário mundial, como também por uma linguagem que, ao primar pela polissemia, renova a noção de imagem poética tão presente na tradição de letras hispânicas.

Referências Bibliográficas:

ANTONIO MARINA, José. *Elogio y refutación del ingenio*. XX Premio Anagrama de Ensayo. Barcelona: Editorial Anagrama S.A., 1992.

FORTY, Adrian. *Objetos de desejo: design e sociedade desde 1750*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GARCÍA DE LA CONCHA, Víctor. *Ramón y la vanguardia*. In RICO, Francisco (org.), *Historia y crítica de la literatura española*, vol. VII, Barcelona, Editorial Crítica, 1984. p. 205-218.

GÓMEZ DE LA SERNA, Ramón. *Ramonismo*. Madrid: Los humoristas Calpe, 1923.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*. comunicação, culturas e hegemonia. 5.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. p.11-130.

RICO, Francisco. *Historia y crítica de la literatura española* 7/1. Época contemporánea: 1914-1939. Primer suplemento-1995. Agustín Sánchez Vidal. p.132-161.

Imagens obtidas nas seguintes páginas da Internet:

<http://www.ramongomezdelaserna.net>

http://www.udc.es/tempo/cuestiones20/docs_ultra12.html

http://www.oocities.org/greguerias/fotos1b_02.htm

<http://pasionpormadrid.blogspot.com.br/2010/07/tal-dia-como-hoy-nacia-ramon-gomez-de.html>